



## OBITUÁRIO

# Seis décadas do ofício de um poeta

Morto aos 84 anos, Armando Freitas Filho deixa uma legião de admiradores. Tinha como referência Drummond e Bandeira

» SEVERINO FRANCISCO

Morreu, ontem, aos 84 anos, o poeta carioca Armando Freitas Filho, um dos mais importantes da literatura brasileira moderna. Segundo a editora Companhia das Letras, que publicava os livros de Armando, o poeta morreu em razão de “complicações de saúde”. Ele é autor, entre outros, de *À mão livre* (1979), *3x4* (1985, vencedor do prêmio Jabuti), *Rol* (2016, vencedor do prêmio Rio de Literatura e APCA de 2016), e *Arremate* (2020).

Armando é autor de uma poesia que extrai a beleza do amor, das cenas cotidianas, do erotismo, da morte e do corpo a corpo com a vida. Carioca da gema, torcedor do Fluminense, antigo peladeiro, era, no entanto, grave e dramático como se fosse um russo. “Escrevo a minha vida./E o que sai do meu sonho/ou do meu punho/ vem pela mesma veia/ em dicção urgente.”

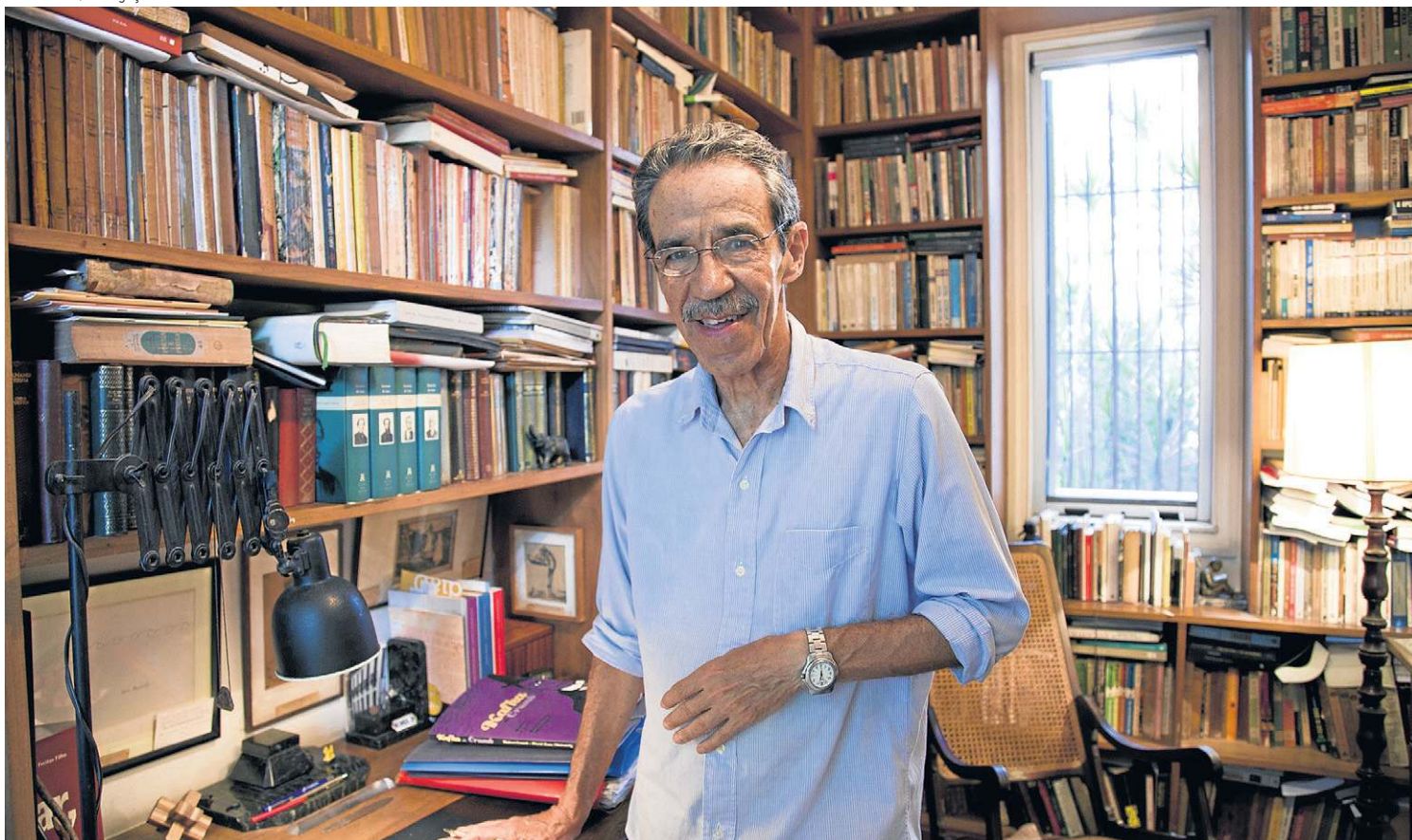
Para o poeta, crítico e professor de literatura Ítalo Moriconi, Armando é um dos grandes poetas brasileiros do século 20 e, mais precisamente, um dos cinco maiores da década de 1970 em diante. Sintetiza a herança que recebeu do modernismo maduro, principalmente de Carlos Drummond de Andrade, em diálogo com o movimento Práxis e com a geração marginal da década de 1970, para construir uma poesia singular, em que está em cena não mais o homem de classe média, mas, sim, um homem conturbado por contradições.

“Armando construiu um lugar só dele pelo fôlego de poeta, com uma tenacidade que atravessou seis décadas. Ele dialogou com vários movimentos, como companheiro de viagem. Existem afinidades com a temática erótica e sentimental da poesia marginal, mas de uma maneira muito original. A linguagem poética do Armando é a consolidação de todas as possibilidades do modernismo. O coloquialismo chega a um alto artesanato e a uma alta voltagem”, comenta Moriconi.

O amigo de Armando lembra que o poeta era uma figura provocadora, mas sempre afetuosa e estimulante: “Não era bonzinho, não tinha papas na língua, diálogo com ele era muito bom. Representava a memória da Ana Cristina César, com quem teve um relacionamento pessoal e poético. Ele conhecia os bastidores da poesia marginal. Então, para a nossa geração, isso era muito importante”, descreve Moriconi.

A morte da amiga e namorada Ana Cristina César, ao cair do vigésimo andar de um edifício no Rio de Janeiro, foi um

Bel Pedrosa/Divulgação



acontecimento traumático na vida de Armando. Tinha a impressão de que ela nunca havia parado de cair e escreveu: “Você não para de cair/água de mina/fugindo por entre os dedos de todos”.

O poeta Eucanaã Ferraz destaca que antes de qualquer coisa, Armando era um poeta com todas as letras. Mesmo os amigos eram, acima de tudo, amigos do poeta: “Disse-me mais de uma vez: ‘Eu procuro a musa, não espero por ela.’ Era um homem à procura das palavras”. Eucanaã enfatiza outro aspecto marcante na postura de Armando Freitas: como poucos, dedicava-se a ouvir outros poetas. “Acompanhava os jovens autores, entusiasmava-se, comentava, sabia que fazíamos parte de uma grande e estranha família. E era muito engraçado em sua gravidade. Que delícia ouvi-lo dizer coisas só suas, como ‘Drummond é Deus’”.

O escritor e jornalista Luis Turiba entrou em contato com Armando por meio da coletânea 26 Poetas Hoje, que reuniu a produção da chamada geração marginal da década de 1970. Turiba situa a poesia de Armando entre a de 1945, o alto modernismo de Carlos Drummond e o despojamento da geração mimeográfica: “Ele pertence a esse time dos poetas de fino trato. O Armando e o Chico Alvim dialogavam com os clássicos do modernismo. Drummond foi uma luz para todos nós, mas, para eles, acho que foi mais. Era muito discreto, foi criado na Urca, um bairro onde as pessoas costumam se isolar”, analisa.

### Simple e delicado

O poeta e professor de literatura da Universidade de Brasília Alexandre Pilati situa Armando na condição de elo lírico entre Manuel Bandeira, Drummond, Ana Cristina César e Antonio Candido. E, para ele, a poesia de Armando se distingue pela beleza que se exprime a partir da simplicidade e da delicadeza. “Ao lê-la, temos a impressão de conversa ao pé do ouvido com um amigo de longa data. Um amigo gentil, que nos ampara, acolhe e ensina o nosso olhar a ver no humilde, no miúdo, o espanto da vida. Isso, muitas vezes, com um humor que humaniza o nosso desamparo, nossa ignorância, nossos erros. É belo que o país possa acolhê-lo entre o que há de melhor em nossa literatura”, afirma.

Os dois mestres iniciais da poesia para Armando foram Manuel Bandeira e Drummond, quando o aspirante a poeta tinha 16 anos. Mas não vieram em forma de livro; chegaram com o disco presenteado pelo pai. No lado A, Bandeira dizia seus poemas com voz pigarreante e, no lado B, Drummond fazia o mesmo com voz datilográfica: “Poesia é para mim o destino da minha vida e o meu mentor inicial foi o poeta de Pasárgada”, escreveu Armando em depoimento. “Melhor: ele me ensinou que há uma Pásargada em cada um de nós; o que nos cabe é descobri-la, apaixonadamente”.

Bandeira já era considerado um grande mestre, enquanto Drummond era tido como um poeta encrencado. Armando entendia que a grande façanha intelectual de sua vida foi ter passado do lado A para

o lado B: “Nunca terminei de ler Drummond, é uma tarefa infinita”, disse, em entrevista ao *Correio*. E houve um segundo encontro com Manuel Bandeira. O pai de Armando pediu uma avaliação do primeiro livro do filho e Bandeira sentenciou: “Interessantíssimo”.

No entanto, mais do que mestres ou múmias acadêmicas, Armando considerava Carlos Drummond, Manuel Bandeira e João Cabral de Melo Neto inimigos poderosos com quem se confrontava para forjar a própria voz. Ele escreveu inúmeros poemas para expressar, a um só tempo, a admiração e a luta pela singularidade. É o que está registrado no poema “dna cda”, incluído no último livro, *Arremate*, em que coloca em jogo o apreço e o embate com Carlos Drummond de Andrade: “Não é possível/ escapar de sua pedrada/ e esconder a ferida incurável/ do estigma./ Nem paga a pena/ ser genérico ou placebo./ Mais vale se embaralhar com ele/ e conseguir ficar de pé —/ descartar-se — enebado e livre/ sendo só eu sem o seu eco.”

“Medalha no seu peito/ e no meu o coração”, escreveu Armando, desconfiado das homenagens oficiais. No entanto, ele foi reverenciado em vida. Ganhou o Prêmio Jabuti, o Prêmio Alphonse Guimaraes da Biblioteca Nacional, recebeu carta elogiosa do crítico Antonio Candido e tornou-se personagem do documentário de Walter Carvalho, produzido em 2016. “Prêmios, consagrações e respeito são duvidosos por natureza”, disse Armando, em entrevista. “Há sempre aqueles que não me premiam, não me consagram, não me

**Armando Freitas Filho: a passagem dos 80 anos virou um acontecimento dramático e poético**

**Dois poemas de Armando Freitas Filho**

### Furo o sinal vermelho (trecho)

Furo o sinal vermelho que não me estanca sangrando a seta do lado esquerdo me enfiou por agulhas, gargalos gargantas, o mar está à margem tem pressa, mas não sai do lugar engarrafado, e ainda que felino enferruja em frente à praia enquanto rodo o Rio todo e tomo sucessivos ônibus, táxi, metrô e cada dia é irreparável o corpo não tem férias vai no arrastão, com a roupa da hora sempre ao alcance de balas além

### Verão

Pancada de chuva no peito do verão que continua batendo. O dia decide sol, braçadas no mar ou de flores fortes. O dia, ultrarrosas urgentes em choque que chegam a tempo de morrer com toda cor antes da noite.

respeitam. Portanto, o sentimento que tenho, ao sentar para escrever, é tentar fazer com que eles me respeitem, somente”.

### Correspondente

Poeta do corpo a corpo com a vida, Armando parecia um correspondente de guerra no Rio de Janeiro, que amava, mas definia como uma cidade assaltante, capaz de, em segundos, invadir a janela com a beleza ou o terror. No poema *Rio, 30 de junho de 2017*, para Arthur e sua mãe, ele evoca o incidente trágico de uma mãe atingida por uma bala perdida: “Nenhuma bala é perdida./ Todas alcançam o alvo/ mais imprevisível — útero/ escudo, esconderijo escuro/ onde uma criança cresce/ e é atingida através da mãe/ e a salva, desviando o tiro/ com o início da sua vida/ que resiste ainda por alguns dias”.

Apassionado pelo Rio, Armando pensou em morar em Brasília, depois de ler uma famosa crônica de Clarice Lispector. “Como não morador, a minha sensação brasílica foi guiada pela mão dessa deusa Clarice Lispector. Quando li a crônica dela sobre Brasília, fiquei comovido. Começa com a magnífica frase: ‘Brasília é construída na linha do horizonte’”, disse o poeta, em entrevista ao *Correio*.

Armando não esperava a inspiração das musas para escrever poesia. Sabia o que era expiração, enfrentava o desafio, explorava o tema, fazia descobertas e o poema acontecia: “A única coisa que sei fazer mais ou menos é escrever”, afirmou em entrevista ao *Correio*: “Por isso, publico um livro a cada três anos”.

Nos últimos tempos, Armando preferia ler Drummond, Ferreira Gullar, João Cabral de Melo Neto e Bandeira a ler os jornais: “Basta abrir o jornal ou ouvir o rádio para saber que está acontecendo algo ruim. Eu me sinto assim, muito bem acompanhado por essa turma. Para mim, eles não morreram. Para mim, eles estão todos vivos.” Considerava que ler Drummond era como ler a *Bíblia*, sempre encontrava alguma palavra salvadora no poeta de Itabora. Ao mesmo tempo, Armando gostava de ler a produção das novas gerações, fazia observações críticas e estimulava os jovens.

Ao fazer 80 anos, Armando disse, ao *Correio*, que era como fazer 100 ou, de maneira figurativa, ficasse na ponta do trampolim quando não tem mais nada, água, piscina ou mar. “Escrever é a maneira de me manter vivo. O que eu quero fazer daqui para frente é escrever para me manter vivo, para me manter equilibrado na ponta do trampolim.” Armando deixa a mulher Cristina Barros, os filhos Carlos e Maria. E também o livro inédito *Respira*. Cristina disse: “Fica a poesia dele”.

## CRISE CLIMÁTICA

# Temporais voltam ao RS

» MAYARA SOUTO  
» JÚLIA PORTELA  
» MARIA BEATRIZ GIUSTI\*

O Rio Grande do Sul enfrenta fortes chuvas nesta semana, poucos meses após enchente histórica. Até o momento, a Defesa Civil estadual registrou 48 municípios que sofreram estragos e mais de 29 mil pessoas afetadas pela situação climática. Há ainda 111

pessoas desabrigadas e 149 desalojadas no estado. Foram emitidos 57 alertas sobre a situação climática aos municípios gaúchos.

Segundo a MetSul, o acumulado da precipitação, desde o início da semana, está entre 100 e 200 milímetros, na metade sul do estado. Em Camaquã, no centro-sul do estado, estações particulares chegaram a registrar o acúmulo de 300 mm de chuva entre

quarta-feira e o último domingo. O município é o que registra maior número de desalojados, com 60 pessoas, seguido do município de Cerrito, a 300km de Porto Alegre, com 40 pessoas desabrigadas.

Na noite de quarta-feira, no Noroeste do estado, em Palmeira das Missões (RS), um vendaval alcançou ventos de 100 km/h e provocou destelhamento de casas e prédios, quedas de árvores e

desabamento de muros.

Na capital gaúcha, a manhã de ontem foi de dia virando noite, com fortes chuvas, ruas alagadas e bloqueios de trânsito. Já na região metropolitana, em Viamão, Sapucaia do Sul, Gravataí e Nova Santa Rita, chegou a cair granizo.

O nível do rio Guaíba chegou a subir na medição de ontem, feita pela régua da Tidesat, junto ao Cais Mauá, chegando a 1,4 metro. Anteriormente, ela marcava menos de um metro, que é a cota média histórica desta época do ano. A cota, no entanto, ainda é menos

da metade do valor de transbordamento do local, de 3 metros. O nível está ainda quatro metros abaixo do pico da cheia de maio deste ano na cidade, que marcou 5,12 metros.

A previsão do tempo para hoje e os próximos dias, segundo a MetSul, é de que a frente fria, que provoca as fortes chuvas, vá em direção ao centro-norte gaúcho, e chegue em Santa Catarina. Assim, no sul do estado, a chuva fica mais amena, e há previsão de rajadas de ventos e queda de granizo no Norte.

O Inmet divulgou ontem dois alertas para o estado, que valem

até a manhã de hoje. As regiões de Porto Alegre, Litoral Norte e Serra estão em alerta laranja, de perigo, onde podem ser registradas chuvas entre 30 e 60 mm/hora ou 50 e 100 mm/dia, ventos intensos (60-100 km/h), e queda de granizo. Já em perigo potencial estão o Centro-Oeste, Litoral Sul e Campanha. Nesses locais, há baixo risco de alagamentos e pequenos deslizamentos, com chuva entre 20 a 30 mm/hora ou até 50 mm/dia.

\* Estagiária sob a supervisão de Carlos Alexandre de Souza